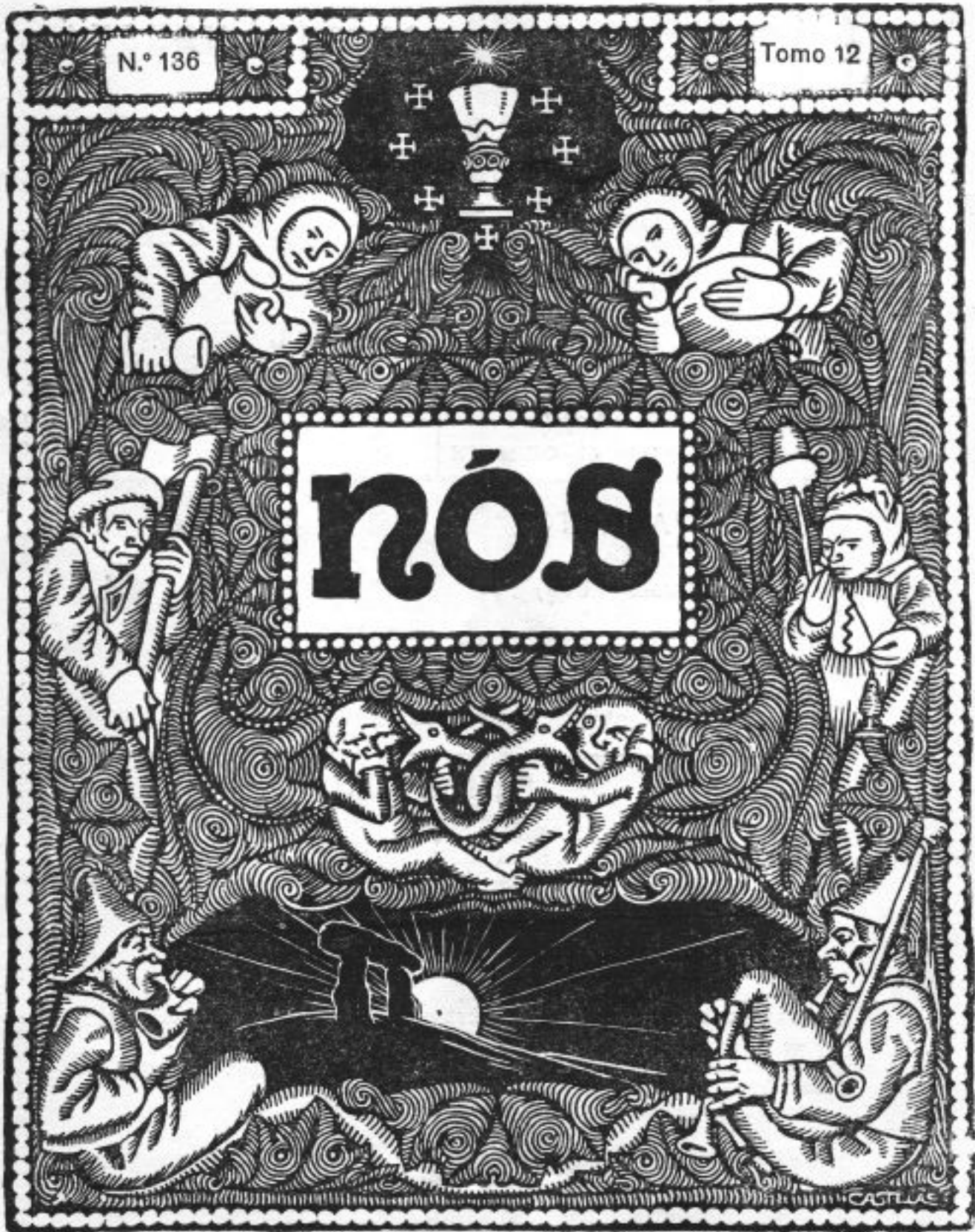


N.º 136

Tomo 12

nós





BOLETÍN MENSUAL
da
CULTURA GALEGA

Direitor Literario
Vicente Risco

Direitor Artístico
Alfonso P. Castelao

Administrador
ANXEL CASAL

DIREIÇÃO E REDAUCIÓN:

Sto. Domingo, 47—OURENSE

ADEMINISTRACIÓN:

SANTIAGO

ABONAMENTO

NOTA

Doce números, na Península 8'00 pesetas.

Fora da Península 8'00 »

Número solto 0'70 »

Este boletín non publicará mais orixinais qu'os que foran directamente solicitados pol-a Dirección. Tampouco se fai solidario das ideas n-eles emitidos, a non ser dos que por non iren rubrados, enténdense que son da Redacción.

Os pagos son adiantados e os gastos de xiro de conta dos suscritores

SUMARIO

rto, por AUGUSTO M.^a CASAS.
AS ARMAS DOS LOUSADAS, por ARMANDO MATTOS.
EN COL DA POESÍA BÁRDICA, pol-o Prof. S. VENDRYES.
A BARCA, por XOSÉ M.^a CASTAÑO PRIEGUE.
MISCELÁNEA, por A. DAS CASAS.
ARQUIVO FILOLÓXICO I ETNOGRÁFICO DE GALIZA.
MITTELEUROPA, por VICENTE RISCO.
OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS.

IMPRESA "NÓS"

Facturas - Estados - Libros - Revistas
e toda crás de traballos tipográficos

Trasmitanos os seus encárragos

Rúa do Vilar, 15

SANTIAGO

Vicente Risco

Abogado

Santo Domingo, 47-2.º

Ourense



BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA

Ano XVII



Ourense 15 de Abril de 1935



Núm. 136

R Í O

POR AUGUSTO MARÍA CASAS

Río, de tanta voz, río valeiro,
dispido, mudo, de perfil de lume;
azas do vento, tí, sin ser arume;
do teu sabor mazá, verde lameiro.

Corda a vibrar co corazón enteiro,
río de craridade, índice, cume,
deitado en aristorio, nervo e gume,
metamorfósis pol-o val lixeiro,

Froitos de fartas agras te conquiren,
qu'en esquezos d'escuma multiplicas.
Faste arista de lús para ir ao ceo.

Verdes lameiros a tua carne firen.
Río valeiro, que inmorrente ficas
deixando de canciós o campo cheol

1935.



AS ARMAS DOS LOUSADAS

Por AMANDO DE MATTOS.

Aos bons amigos César Vaamonde Lores e Firmin Bouza-Brey.

Notando a divergência dos vários heraldistas portugueses ao apresentarem a ordenação das armas do apelido *Lousada*, de origem galega, levôu-me a investigar sobre a falta de unidade nas suas descrições.

Tendo encontrado alguns elementos que, devidamente estudados, suponho aproveitáveis para basear e justificar qual seja o verdadeiro e científico critério heráldico para a composição destas armas, venho torná-los públicos, visto serem subsidios, embora modestos, para a historia heráldica portuguesa e peninsular.

As armas do apelido *Lousada*, são compostas de *Lagartos* saindo das respectivas lousas.

O número, posição e forma destas figuras heráldicas, é que originaram o desacordo na representação heráldica de uma das mais antigas famílias galegas, vinda para Portugal.

No que respeita ao número de lagartos, nos armoriais portugueses há a notar dois grupos: um com um núcleo de *dois*, outro com *três* destes répteis.

Na Galiza, encontram-se, além destes dois núcleos, um de *quatro* e outro de *seis*.

Êstes, porém, são de origem conhecida, pois que não passam dos dois primeiros, que numa evolução de mau desenho dos atributos heráldicos, duplicam as peças.

A esta razão há a juntar a de que, na Galiza, é corrente o porem sobre uma única lousa, em *faxa*, os lagartos em *pala*, o da direita com a cabeça em *chefe*, o da esquerda em *ponta* (Fig. I).

Nas pedras-de-armas galegas, o mais vulgar, é o emprego de dois lagartos (1).

O licenciado Molina, ao referir se ao número de répteis, diz apenas «*unos lagartos*» (2), e em plural se expressa também o mais antigo documento galego referente ao assunto de que temos noticia quando fala, referindo-se ao ano 1369, do «escudo dos lagartos» que existia no paço de Outeiro, na paróquia de Lantão (3).

Ora, em heráldica, empregando se a forma indefinida, tem de se compreender o número *cinco*, ou *três*. Uma simples análise ao armorial, nos convence disto.

Em Portugal, o mais valioso documento que se encontra, é a carta de armas de Pedro de Moraes Pimentel, de 1682, em que lhe são confirmadas as armas de seus avós — um esquartelado de *Pimentel*, *Moraes*, *Lousada* e *Pegas* (4).

Nesta carta, o quartel das armas em questão, tem apenas dois lagartos.

Baseados neste documento, indiscutivelmente official (o que não quer dizer sempre rigor heráldico) optam por este número. Sánchez de Baena (5), Braamcamp Freire (6) — abo- nando-se com o «*Thesouro da Nobreza de Portugal*» (7) e com o «*Thesouro da Nobreza*» (8) — e Santos Ferreira (9).

Os manuscritos nobiliárquicos nos. 433 (10) e 211 (11), da Biblioteca Pública Municipal do Porto, mostram nos um núcleo de três peças, bem como os «*Blasoues de Portugal*» (12).

Diz a tradição, através os vários autores que a tal se têm referido, que a família *Lousada*, galega, teve sua origem em *dois* irmãos que libertaram a região de *Queirogá*, de uma invasão de lagartos, que muito prejudicavam a agricultura e os habitantes do lugar.

Não quero apontar o facto, como argumento definitivo, mas apenas como de curiosa coincidência. Muitas famílias nobres apresentam em suas armas, tantas peças heráldicas principais, quantos os irmãos que lhes deram origem (13).

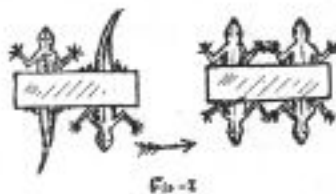


Fig. I

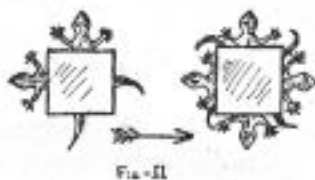


Fig. II



Fig. III



Fig. IV



Fig. V

No caso do aparecimento de *três* lagartos, a ter algum viso de verdade a referencia feita, teria por causa o facto desta familia vir para Portugal, em tempo de D. Afonso V, na pessoa de *três* irmãos: João, Henrique e Gonçalo de Lousada.

Porém, vê-se que entre nós prevaleceu o numero *dois*, mesmo na carta de 1682.

Assim, e em resumo: na Galiza, o mais usado é o núcleo de dois lagartos; em Portugal também, e mesmo no campo absolutamente oficial.

Concluo, pois, esta primeira parte, por optar pelo grupo de *dois lagartos*.

* * *

Assente o numero de répteis, vamos ver a posição destas figuras heráldicas.

Diz Santos-Ferreiro (14), que o lagarto se representa sempre de *perfil e passante*.

Não sei onde este heraldista se documentou para escrever isto. É possível que se baseasse só nos documentos nacionais, que poucos são e que, certamente, derivam todos de uma fonte anterior, que não representasse icónicamente as armas, mas simplesmente as brasonasse.

O citado heraldista, por certo, deixou de ver elementos do país de origem do apelido em estudo.

É possível, ainda, que fôsse encostado ás armas do apelido *Lagarto*, que ele viu no *Livro da Torre do Tombo*, e onde as três figuras estão *passantes* e de *perfil*.

Não quero, porem, discutir, se são ou não as armas dos *Lousadas*.

Sobre as do apelido *Lagarto*, só direi que não acho do melhor arrumo heráldico as figuras assim ordenadas.

Em compensação, na Galiza, origem dos *Lousadas*, não encontrei um único documento em que o lagarto seja representado de *perfil*, mas sim espalmado.

Basta a dificuldade que há em representar, numa boa estilização, o lagarto de *perfil*, para nos convenceremos de que é muito mais natural e heráldica a posição que eu defendo.

Mais natural, porque é a forma mais expressiva de desenhar o réptil saindo de sobre a lousa; mais heráldico, porque um lagarto não pode representar-se *passante* (15) que é a forma de mostrar o animal em atitude de andar. E o lagarto não *anda, rasfêja*. Também a *cobra*, outro réptil heráldico, se desloca *ondulando*, pelo que se brasona *ondulante* e em *pala* (16).

Lógico, pois, que ele seja representado em *pala* e *rastejante*.

Nêste ponto também a minha fraca opinião, diverge dos ilustres heraldistas citados.

* * *

Outro problema é o número e formato das lousas.

Seguindo o mesmo processo comparativo, usado com o comentário aos lagartos, direi

que nos materiais de estudo, que me foram amavelmente facultados da Galiza, só se encontra *uma* lousa, geralmente *retangular* e raras vezes *quadrada* (Fig. II).

Em Portugal encontram-se *duas* ou *três*, conforme o número de répteis, mas sempre representando blocos informes (Fig. III), algumas vezes *moventes* (17) do bordo esquerdo do escudo (Fig. IV). Raras vezes aparece só uma. Apenas conheço um exemplar, de Trás-os-Montes, que representa uma lousa quadrada abrigando quatro lagartos que aparecem pelos seus ângulos.

Não admite discussão a superioridade da lousa retangular e solta, por melhor estilizada. Um bloco informe é demasiado realista, além de pouco próprio.

Não é sob blocos, mas sim sob lages que se acoitam aqueles répteis.

Quanto ao número, o citado *Molina*, valioso heráldista de quinhentos, diz também «*umas lousas*»; portanto, mais que uma.

E mais que uma, vem na carta-de-armas referida de 1682.

Entendo, portanto, que o mais heráldico é uma lousa para cada lagarto, conjunto este que já deu na vista a Severim de Faria, quando diz (18) «*As lousas dos lagartos*», ao referir-se ás armas dos *Lousadas*.

* * *

Assim, optando por dois lagartos e por lousas retangulares, resta ver, como se devem enunciar as armas deste apelido em estudo.

Aceites as cores geralmente correntes em Portugal e já confirmadas na carta-de-armas de 1682, que, diferindo daquelas que são atribuídas a estas armas na Galiza — *em campo de ouro, dois lagartos verdes sobre uma lousa de prata*, não deve ser mais que diferenciação tomada pelos ramos que vieram para Portugal (19), resta um último problema a estudar: *¿qual é a peça principal destas armas?*

Na Galiza, pelas cores apontadas, parece considerarem o lagarto.

Eu discordo, optando pela lousa que é a parte *falante* das armas e origem do apelido. Por isso devem as lousas brasonar-se em primeiro lugar, antepondo-as aos lagartos que lhe são peças secundárias.

Salvo melhor opinião e novos documentos, as armas dos *Lousadas* devem brasonar-se assim (Fig. V): *em campo de prata, duas lousas de púrpura, retangulares, postas em faixa e brocantes, cada uma, sobre um lagarto restingante, de verde, posto em pála e linguado de vermelho.*

Na Galiza não encontro notícia de timbre destas armas.

Em Portugal, de todos os autores e fontes citadas, só o rei-de-armas Francisco Coelho no-lo apresenta: *um braço armado de prata, com mão de carnação, empunhando um dos lagartos.*

N O T A S

(1) Veja-se, por exemplo, em «*Faços Galegos*», pelo Marquês de Quintanar e «*Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*» — vol. IV: «*Blasones de Orense*», por Xurxo Lourenzo Fernández nos. 8 e 42; id. vol. III, fig. 3 de «*Santa María a Real de Cesuris*» por Xosé Ramón e Fernández Oxea.

(2) «*Descripción del Reino de Galicia*», — Mondoñedo — 1560.

(3) Usava o escudo Garcia Estevez de Lousada dono do dito poço que hoje heziste ainda que restaurado. (Vide «O testamento de Fermín Garcia Barba de Fraguasoa» na Col. Diplomática da rev. «*Galicia Histórica*», n.º 1, Santiago, 1901, páx. 27).

(4) «*Archivo Heráldico-Genesalógico*» por Sánchez de Baena. Lxº 1872. N.º LXXII (Biblioteca Eboresne).

(5) «*Indice Heráldico*», in op. cit. nota anterior. L.º 1872.

(6) «*Armaria Portuguesa*», Lisbon 1906. Pág. 676.

(7) Por Fr. Manuel de Santo António, I-30.

(8) Por Francisco Coelho, 1675; fls. 46.

(9) «*Armorial Português*», Lxº, 1920-3.

(10) Veja-se o «*Catálogo da Biblioteca Pública Municipal*,

do Porto», 3.º fascículo. «*Nobiliarios*» (2.ª edição). Porto, 1900; pp. 11.

(11) Id. fls. 126, e s. «*Nobiliario da Casa do Casal do Poço*» (Arco de Val-de-Vez), por Fr. João da Madre de Deus.

(12) Pelo Pdr. Manuel de Magalhães, 1676 - fls. 176.

(13) Publicarei um dia os elementos que tenho sobre este assunto.

(14) Op. cit. vol. II - part. III - s-v: *Lagarto*.

(15) Op. cit. id. s-v: *Passante*.

(16) Id. id. s-v: *Serpente*.

(17) V. O Ms. n. 211 (2a, 196, da Bca. Pca. Mal. do Porto e as obras citadas de Francisco Coelho e a Carta-de-armas de 1682.

(18) No cit. Ms. 211, da Bca. Pca. Mal. do Porto, págs. 11, vê-se as cores conforme são usadas na Galiza. É interessante ver nesta iluminura, a precisa locação das peças. Como são três os lagartos, ficaram na situação normal 2 e 1.

(19) «*Notícias de Portugal*» Lxº 1740 - fig. 100, e o Ms. 438 citado. Fr. Manuel de Santo António também traz uma lousa movente do bordo esquerdo do escudo.



EN COL DA POESIA BÁRDICA

A POESÍA DE CORTE NA IRLANDA E MAIS EN GALES

Pol-o Prof. J. VENDRYES,
da Academia d'Inscripcións e Belas-Letras.

Unidade da Céltiga precristiana

NA súa *Historia da Galia*, M. Camille Jullian axuntou todol-os testemoios que nos deixaron os Antigos en col da actividade intelectual dos Galos. Sabemos qu'era moi viva e que produciu unha abondosa literatura poética.

Por disgracia, d'esta literatura non quedou nada, nen tan xiquera a espranza d'atopal-o mais pequeno rastro. Porque os Celtas da Galia non escribían; as súas producións poéticas perdéronse pol-o tanto pra sempre.

Mais os Celtas da Gran Bretaña e mais d'Irlanda ofrecen na súa literatura algo con que compensal-a perda. Non compre demostrarl-a unidade primitiva do mundo céltigo. As reaccións étnicas e linguísticas entre Galos, Bretós e Gaels están hoxe exactamente definidas. Ora, perante toda a Edade Meia a poesía foi cultivada antr'os Celtas insulares, e en condicións tan semellantes ás qu'os autores antigos sinalan antr'os Galos, que podemos considerarl-os poetas d'Irlanda e de Gales coma continuadores d'unha tradición que recúa deica o tempo da unidade céltiga.

A tradición que jungue o céltigo insular co céltigo da Galia, é moito menos un feito de lingua do qu'un feito de civilización. Mántivose porque representaba unha institución social.

Esta institución é a dos poetas de corte.

Os poetas oficiáis ou poetas de corte

Tense convido en desinaar co-iste nome unha caste de poetas, oficialmente ligados á persoa d'un chefe e exercendo onda il unha función pagada. Houbo poetas de corte nos pobos germánicos, especialmente nos Escandinavos, que probabremente tiraban o modelo da Irlanda. De todol-os xeitos, foi nos países céltigos ond'a institución produciu as obras mais antigas e mais perfeitas. Dependía alí da orgaización social.

Contrariamente ao «clerc», confinado no retiro do mosteiro, onde gozaba relativa segurancia, o poeta andaba misturado na vida pública e guerreira; levaba a vida desacougada dos leigos. Era un dos oficiáis, un dos dinatairos do castelo onde vivía o chefe; compartía as súas cobizas e xenreiras, os seus entusiasmos e desesperos.

A poesía de corte durou o que durou aquil mundo aristocrático, estremecido de paixóns ardentes. Sobreviveu na Irlanda ás invasións escandinavas, e resistiu ás conquistas anglo-saxonas ata o istante en qu'a aristocracia irlandesa arruíñada, desmada, exilada, foi reducida á impotenza; isto non se produciu deica o comenzo do século XVII. En Gales tivo unha existencia moito mais breve. Pódese pór a súa ruína nos derradeiros anos do século XII, cando a política de Duaredos I puxo fin á independencia galesa. Nos dous países, a institución dos poetas de corte

desenrolouse en condicións semellantes: tradición no exercicio da función, tradición no recrutamento e no aprendizaxe, tradición na técnica mesma do mester, veleiquí ond'estaba a forza da institución.

A función leva un nome, o de «bardo», que sirve aínda en galés moderno pra desíñar un poeta. É un nome moi antigo, común a todos os Celtas, pois asegún o testemio de Suidas, os Gálatas empregábano tamén. Era usual na Galia, coma o proba o soado apóstrofe de Lucano:

Plurima securi fudistis carmina, bardí.

Na Irlanda é tamén ben coñecido. Com'a función de poeta herdábase amiúdo, un nome de persoa moi esteso é o ne *Nac an Bharáit*, «fillo de poeta», que pasou ao inglés ordinariamente baixo da forma de *Ward* ou *Nacward*. Mais a verba «bardo» n-irlandés caíu na usanza banal. Coma termo oficial e técnico, foi trocada por outra verba, *fili* (pl. *filid*), que en gaélico quería dicir «vedoiro» (britónico *Gweled*) ou sexa que desíñaba o home inspirado, favorecido por unha visión mais lúcida. Oposto a *fili*, a verba *bard* chegou ás veces a desíñar un poeta inferior. Non se trata d'un troque de termo, senón millor do emprego especializado de dous termos antigos que primeiro apricábanse a unha mesma persoa. Na sociedade céltiga primitiva, o poeta jogaba un rol complexo que mais tarde, escindiuse en varias funcións diferentes.

A hierarquía dos poetas

Os poetas formaban clases, ordeadas hierárquicamente, onde se pasaba por unha riola de grados, semellantes aos nosos grados universitarios. Na Irlanda, o *fili* do mais outo rango levaba o nome de «ollave» (*ollam*) verba qu'os dicionarios modernos, pra marcar ben a semellanza, traducen por «profesor». Por debaixo do ollave viñan outros seis grados. En Gales tamén, a clás dos bardos comprendía unha hierarquía, á cabeza da qual achábanse dous dinatarios, o «bardo do méstico» (*bardd teulu*) e o «chefe do canto» (*penkerdd*), correspondente pouco mais menos ao qu'eran na orde eclesiástica o abade, chefe d'unha comunidade, e o bispo, chefe d'unha diócese. Nos dous países, os grados

mais outos tiñan autoridade sobr'os grados inferiores.

En Gales, o *penkerdd* tiña o privilegio d'estar coberto, e aínda ás veces de se sentar na súa cadeira dediante do rei; sentábase á mesa á esquerda do herdeiro do trono. A súa obriga era cantar na gran súa, cando llo pedira o rei. O *bard teulu* facía o mesmo, aínda na cámara da raíña, cand'ela o pedira, mais entón sementes en voz baixa. Acompañaba ao exército na guerra, cantaba dediante das tropas cando marchaban ao combate, e nas voltas vitoriosas. O rei regaláballe unha harpa, un xogo de axedrés e un anel d'ouro que non se podía sacar. A mais das súas funcións de poeta músico, o bardo tiña mandos arquivos da familia, e dos documentos genealóxicos; servía tamén de preceitor e de compañeiro aos rapaces da casa do rei.

O bardo galés era un funcionario

En suma, a idea que nos dan do bardo as leis galesas é a d'un alto oficial, d'un funcionario superior, cuio avance e fortuna penden no geito con que encha as súas obrigas, e que goza d'unha consideración justificada polo seu talento. Mais na legislación, e mais que nada na tradición literaria da Irlanda, o *fili* é outra cousa: é unha sorte de mago, cuio prestígio débese a un poder sobrenatural.

Sen dúbida, il exerce perto do chefe unha función semellante á do bardo galés; canta no comedor, ou na cámara das donas; vai ao combate co-a tropa, anima cos seus cantos, e celebra a gloria dos mortos; mesmamente, saca a espada com'un home d'armas e toma parte na loita, con perigo da vida. Mais o *fili* é a un tempo un profeta cuios poemas revelan o porvir; é tamén un médeco e mais un juez, ou sexa, qu'é capaz d'atopar as fórmulas que sanan os doentes ou castigan os criminosos. Pra decilo todo: é un que coñece a virtude das verbas.

A verba non é sementes un instrumento de poesía qu'il toca asegún seu talento — e os poetas céltigos non ceden a ningún na abeñencia pra iste xogo. A verba tén tamén unha forza oculta qu'un pode endereitar coma lle peta, cando se fixo dono d'ela. Coñecer as

verbas é domiñal-as potenzas pechadas n-e-las. Investido da cencia das verbas, o poeta ten todol-os poderes d'un bruxo. As suas encantaciós poden desconjural-os meigallos, prever ou sanal-as doenzas, retiral-as calamidades qu'ameazan. Mais tamén poden atraguel-a disgracia, ceibar andacios, provocar ruiñas e catástrofes.

Como se recrutaban os poetas

A profesión de poeta, pol-as ventages que precuraba, buscábana todol-os que se crian capaces d'ela. Había, polo tanto, moita competencia. Mais estaba restringida por ensamens difíceis, onde tiñan sua praza as prácticas tradicionás de magia. Mesmamente en Gales, ond'a función estaba, coma se dixéramos, laicizada, non se chegaba a bardo sen ter saído ben de certas provas diviñadoiras, cuia tradición recuaba deica antepasados lendares, coma Taliesin. A profesión ganaba prestígio ao estar arrodada de ritos d'iniciación misteriosos.

A recruta fagufase entre os homes libres; en Gales, un bardo rebaixaba a dinidade da sua arte cantando diante dos non libres. Certos membros de familias reás ambicionaron o rango de poetas. D'algús conserváronse os nomes e aínda as obras. Os de Hywel ab Owen, príncipe de Gwynedd, no século XII, revelan un dos temperamentos millor dotados e mais persoás da literatura galesa. Mais en xeral, a profesión poética tendía a ser herdamento de certas familias. Na vida dos bardos galeses hai un Gwalchmai, fillo de Meilyr; e iste Gwalchmai, á sua volta, tivo un fillo chamado Meilyr, coma seu abó; os tres deixaron poesías. Mais qu'en ningures, era na Irlanda ond'había dinastías de médecos. Sábese dos nomes de varios que ficaron adscritos profesionalmente a certas familias principescas por dous ou tres séculos. A mais antiga e soada é se cadra a dos O'Daly, cuio fundador pretendían que recibira a educación poética de San Colman, morto en 604. Mais houbo outros: os O'Higin, os O'Mulcorny, os Mac Namee, etc. nas que a profesión de poeta pasaba de pais a fillos.

O ambiente familiar, sen falar do atavismo,

favorecía seguramente o aprendizaxe d'unha profesión tan especial e difizle.

As escolas de poesía na Irlanda

Os estudos duraban varios anos, perante os quales o aprendiz de poeta era iniciado na coñecencia das tradicións históricas, genealóxicas e topográficas do país, de camiño que na práctica dos metros (cuio número pasaba dos cen) e de todol-os artífizos poéticos.

Veleiqué coma traballaban nas suas escolas os poetas irlandeses do século XV. A sesión duraba de Samhuin a Beltene, ou sexa do 1.º de Santos ao 1.º de Maio; remataba cand'o cuco encomenzaba a cantar. O mestre levaba aos seus discípulos a edifizos baixos, con paredes caleadas, lugares de recollemento e silencio. Dend'a mañá, repartía as tarefas. Os discípulos estaban fechados n-espazos sen fiestras, onde pasaban o día deitados, meditando no tema dado e póndoo no metro que l'encarregaran. Chegada a noite; juntábanse n unha gran saá e recitaban as suas composicións diante do mestre, o qual faguía a crítica.

Conversión ao Cristianismo

San Columbán, apóstolo dos Pictos, era ao mesmo tempo un poeta. Fíxose d'il un defensor dos poetas pra conciliar n il dous poderes longo tempo rivás: o pagao e o cristiao. A caste dos *Filid*, apoyada na tradición, era conservadora, e a Bireja mirouna moito tempo con desconfianza. San Patricio tería determinado aos poetas a deixaren as suas prácticas mágicas, despois de ter obtido a homage dos mais ilustres.

Dificuldades da versificación

Os traballos de M. Joseph Loth encol do galés, de M. M. Thurneysen e Bergin en col do irlandés, son coñecidos de todol-os celtistas. Refírense á versificación e mais á lingüa Kuno Meyer estabreceu que a mais antiga poesía irlandesa era acentual e aliterada. Despois desenrolouse unha versificación, ímitada sen dúbida ningunha da versificación latina da Edade Meia, e que tiña por principio o número de sílabas. Iste geito de

poesía foi o que prevaleceu na Irlanda perante toda a Idade Meia, e tamén en Gales. Mail os poetas adaptáronlle ornamentos tradicionais; arranxáronse pra introducirla rima, a aliteración, a asonancia, n unha verba, todo un sistema de concordancias dos soas, asegún regras d'unha sutileza requintada. Co tempo, as regras fixéronse mais e mais estreitas, pois cada geración de poetas quixo superar á anterior en virtuosidade. Esta rebusca de dificultades pra vencer na construción fónica do verso levou aos poetas mediocres ao abuso dos clichés e de ripios. Os mais abelenciosos non se souperon gardar sempre da rareza ou da escuridade. Mail o ritmo e a harmonía chegaron anriles a unha perfeición técnica que sen dúbida non foi superada nen aínda igualada en ningunha lingua.

Escuridade intencional da poesía céltiga

Un dos procedementos dos antigos poetas consistía en estudal-o pasado da lingua céltiga pra coller d'il verbas vellas fora d'usanza que facían revivir. O arcaísmo intencional se non limita á escolleita de verbas. Manifestase tamén na construción da frase. Non habendo verbas arcaicas, pódense reemplazar por unha metáfora ou unha perífrase. Pódese dicir qu'isto fai o fondo da poesía céltiga.

Hai poetas escuros. Mais en feito d'escuridade, a poesía céltiga podería levar a palma. É escura porque tradicionalmente, os poetas quixérona manter asína. Disimula tanto coma sugire, e ás veces mais. Semella unha sorte de xogo no qu'o poeta no se descubre mais qu'o tempo preciso pra fugir cand'un coida qu'o pillou. É o xogo de Galatea co pastor que vai atrás d'ela. Niste xogo, os poetas céltigos eran mestres. A sua virtuosidade está chea de malicias e trampas.

Semellante poesía é intraducible, porqu'os elementos dos que tira a sua beleza se non poden trocar n-outra lingua. O tradutor non ten aínda o recurso de dal-a ideía do original criando, se ten talento, un poema equivalente na sua lingua. Porque as exigencias de cada lingua e as convencións de cada poética non poden atopar eiquí satisfaição. Hai, sen dúbida, en toda poesía un elemento de beleza musical, adautado ás condicións da

lingua e que pende n-elas; mais geralmente tamén se sostén a poesía n-unha armazón lóxica que se pode revestir d'unha lingoage difrente sen deformala. A poesía céltiga non ofrece tan xiquera esta possibilidade, pois n-ela falla a armazón lóxica. A tradución non pode ser mais qu'un comentario que ajude ao leitor do texto original na interpretación e apreciación do mesmo.

Difrenzas entre a poesía greco-latina e a poesía céltiga

Non hai que julgar severamente de mais esta sorte de poesía. Sen dúbida non s'atopa n-ela nada comparábele ao que hai nos Gregos de fundamente humán, a esta civilidade, coma di Bossuet, qu'os pon tan perto de nós. e que fai as suas obras radiantes de beleza, tan outas en valor moral. Cando a poesía é un mester oficial, o hourizonte do poeta ten por lindeiros os do mundo a quen ten que gustar; o desexo do éisito rápido e do proveito inmediato sobreponse a todo outro coidado. A poesía céltiga de corte está tan limitada pol os asuntos que trata coma pol-o público a quen s'endereita. Sería doado esmagala na comparanza co as literaturas clásicas. Mais sería unha injustiza. Porqu'ela precura un ideal difrente; facendo prevalecer o elemento musical por riba do inteleitual, e o imaginativo por riba do racional. Se esta é unha flebeza, resgátaa c'un mérito que non é pequeno: o da dificultade. As eisigenzas da sua técnica mantiveron moi outo o prestígio da arte. Non é un mester vulgar o que require tanto estudo e aplicación. O esforzo sostido de varios séculos cara un ideal artistico, nunca deixou de ter utilidade. Crea d'adianto un ambiente favorábele a quenqueira que s'erga, ispirado, d'un sentemento sinceiro ou dotado d'unha imaxinación poderosa.

Continuadores zelosos d'unha vella tradición nacional, os poetas de corte forjaron un instrumento poético rico e matizado d'abondo pra sobrevivir á sua institución e servir a outros que non foran íles mesmos. Gracias a íles, os pobos céltigos que tiñan pr'a poesía dons tan brillantes teñen a sua parte nas creaciós espirtuás de que s'houra a humanidade. (Trad. de An Ouled).



A B A R C A

POR XOSÉ M.^a CASTAÑO PRIEGUE

Pra Xesús Garrido

Están murchas, sen o vento,
as velas da miña barca.
No árbore sen follas do mastil
a bandeira est'aforcada.

No-hai múseca nos cordaxes,
nin hai espuma nas ondas.
O faro prendeu no mar
longas lumeiradas roxas.

* * *

A lua rachou as velas
cos seus coitelos de prata.
O timoel soña ventos
nun remuíño de calma.....

¡Barca! ¡Miña mariñeira!
Espreguiza as tuas azas.
Enche as velas, que o meu peito
está cheio, xa, d'espranzas.....

Bruando chegou o vento
e deulle un bandazo á lua.
A barca e a mar durmidas
fuxiron cuspindo espuma.

M I S C E L A N E A

Na beira esquerda do río Avia, na aldeia de Cuñas, nunha casa ben acomodada de labregos, pasou os anos máis ledos da súa vida Victor Said Armesto que neste lugar casara. Estiven neste casal onde se gardan moitos centos de bons libros un tempo estudados, e os máis deles anotados, pol-o chorado autor da *Lenda de D. Xohán*. Entr'os libros moitas notas curiosas. Recoilo unha delas que estimo de intrín, tal coal ele a escribiu:

Clasificación de las formas musicales gallegas.

1.ª SECCIÓN

Cantos—de niños: mayos, ruadas, juegos de cuna
alalás
cantilenas variadas
baladas
carnaval
burlescos—*viejas* (arrañan)

Cantos de—pica pedreros
arrieros
pescadores
carboneros
segadores
trabajadores de lino

cantos de ciegos —jocosos, lastimosos.
cantos de pandeiro—(triadas)
muiñeiras coreadas
labradores de Padrón (culto a ceres; culto del fuego, etc.)

Cantos religiosos —plegarias
Navidad (Natal)
Ani-novo.
Reyes
novenas antiguas

Cantos de romerías.

2.ª SECCIÓN

Bailes con gaita, *redoblante* y bombo.
Muiñeira
Riveirana (Rivero) —más viva
Contrapaso

Golpe
Carballea (Carballino)
Maneo (?) de importación andaluza.

Chouteira —(Muiñeira de Mondoñedo)

Danzas —de espadas con Penlas o sin ellas
cintas
arcos
palillos
moros y cristianos } de libre
turcos y cristianos } invención
fandango,
jota

Farsas —En Vigo y Villanueva (disfrazado el bastonero con una piel de carnero)

II

Preludios
alboradas
pasacorredoiras
acompañamientos santos
gigantes
marchas procesionales
sonatas de gaita (al alzar, etc.)

3.ª SECCION

Zanfona. Algunos le llaman gaita zamorana. ¡Desatino! (Tocaba *cantos de ciego*, jotas, muiñeiras, romances, trovas...)

Violines
Flautín y flauta
chirimías (marchas procesionales, en los actos concejiles, juglares)
Silvato —(cantos pastoriles)
gaita.
Cuernos de cabra (aires elementales de muiñeira, aires montañeses)

Elementos de percusión —pandeiros
castañuelas
triángulos
panderetas
conchas

A. DAS CASAS.

Arquivo Filolóxico e Etnográfico de Galiza

FOLK-LORE ENCOL DOS NENOS

No número 99 de esta revista publiqui algunhas noticias encol do folk-lore dos aenos na bisbarra de Cariño, que foron recollidas pol-o culto menciñeiro de aquíl porto D. Alejandro Carreño, a quen tamén debo as que van a seguido. Sirvan estas liñas de testemuña do meu agradecemento.

O NACEMENTO.—A muller que está embarazada non debe comer fresas, nin percebes, nin linguado, nin raia, mais si o fixera, debe coidar que non lle choute a i-auga de estes alimentos porque d'aquela sairá o neno lixado con *nevus* e outras pigmentacións nos lugares correspondentes a aquiles onde lle caíu a i-auga a nai.

Tampouco debe comer lebre, nin coello pra que o rapaz non naza fachado, é decir, co bico leporino. Debe privarse a nai de pasar baixo de cordas, según unhos, ou por riba, según outros, pois entón nacería o cativo coa lingua presa pol-o cabestro ou frenillo.

No parto é asistida a parida pol a sua nai ou por outra muller que por xa ter asistido a outras sabe o indispensabel para recoller o recién, cortarllo o cordón e atarllo.

Pra *axudar* a parida danlle fregas no ventre con aceite e ruda; fanlle tomar grandes cantidades de caldo limpo, no que botan manteiga d'abondo, e tamén lle dan viño fervido. Aconséllanlle que non berre pra que non se lle vaia a forza, e cando o parto se retrasa din que debe estar a matriz atravesada diante, e pra separala queiman sobre unha sella algunhas prumas de perdiz.

Despoixas de ter nado o neno e cortarlle o cordón, atan a unha perna da nai o cabo que vai a placenta, pois teñen medo que se lle volva pra dentro. Pra axudar a botar a placenta, en algunhos casos póñenlle a boina de un home, e outras vegadas fanlle soplar n-unha botella.

Tan aixiña como a placenta ten saído enfaixan a parida con unha sábana ou toalla, e sin lavala nin tomar mais precaucións, ofré-

cenlle de contado caldo de galinha con manteiga e aínda llo fan tomar á forza.

Cando sobreven unha hemorraxia xuntan todol-os ferros e cousas de peso que haxa na casa e sin que se decate a enferma tiranllos baixo da cama con gran estrondo pra que co susto se lle corte.

Con todo, si o parto non é normal e a cousa se presenta grave, chaman o menciñeiro.

Así que nace o rapaz lávano e báñano botando un dente de allo dentro da i-auga. Tamén se adoita a darlle unhas fregas con allo, dispoixas do baño, pra que se morran as lombrices, pois coidan que xa nacen co neno.

O BATEO.—Si o crego se trabuca ó bautizar a criatura e o unxe con óleos da extremaución, o rapaz terá dispois visións.

O BERCE.—Os tipos mais adoitados son tres.

Non debe arrolarse estando o berce valeiro, porque entón ven o trasno a deitarse n-il. Tampouco é ben que se sente no rolo ningunha rapaza solteira.

VESTIDO.—O mais usual é unha camiñeira, i-enriba unha chombra ou xubón de franela, a faixa e o pañal dobrado pol a diagonal, e posto de xeito que as puntas de ésta pasen pol-a cintura, e as outras, por entre as pernas. Despois envólvese n-unha baieta e todo n-unha manta, mantón ou pano, según a posición da familia.

ALIMENTACION.—Moito antes do tempo comen do que non deben. Ó nacer danlle ós rapaces chocolate crudo; ós dous ou tres meses, papas, sopas e pescado, e o ano xa comen de todo sin perxuício de que a nai lles siga dando de mamar en todo este tempo.

CRECEMENTO E DESENROLO.—Os nenos comenzan a andar, pol o xeral, arredor dos dez meses. A época da dentición varia, e ós dentes bótaselles a culpa de casi total-as enfermédás dos rapaces Pouco mais

ou menos cando principian a andar comen-zan tamén a articular as primeiras verbas. Hai a creencia de que non se lles deben cortar as uñas ós rapaces, porque sinón os rapaces tardan moito en falar ou son mudos. Pol-a mi-ma razón tampouco se deben xuntar n-un soio berce a un neno e unha nena.

ENFERMEDADES. — Como xa queda dito, cando os nenos de menos de dous anos enferman, as nais e os abós atribuíenllo os dentes ou as lombrices.

Pra os dentes o remedio mais adoitado e o de fregar as enxibas con azafrán e viño branco.

Pra as lombrices úsase moito o allo, ben

metendo entre as roupas do rapaz un dente de iste bulbo, ou ben esmagandoo e poñéndolle a pasta nun pano atado ós pes. Tamén pra as lombrices se dá de beber a i auga de cocer o sarro das chimeneas, pro xa hai quen sabe pedir nas boticas os polvos de San Antoníño (santonina).

Pra o estrenimento dos nenos pequenos adóitase apuntar un cafioto pequeno de berza, a xeito de un lápiz, e untado de aceite ou de xabón pónselle no ano.

Pra tos ferina teñen por gran remedio o caldo de rato.

XOSE RAMON E FERNANDEZ OXEA.

M I T T E L E U R O P A

(Proseguimento de Da Alemaña)

por VICENTE RISCO

II VIENA

bios auténticos que non lles intresa o seren sabios oficiás.

De que me sentei n-esta posición espiritual-mente tan incómoda, espriquei todo o que demandaba. Mais tan ben coma me saira a cousa en Praga c'unhas singelas verbas, tan mal me saíu arestora co-a recomendación. Ben é certo que o Dr. Fadrus non era un Profesor, nen xiquera, se cadra, un Doutor —se o fora, poríao na carta— senón un Con-selleiro escolar da cibdade (*Stadtschulrat*). Escoitou moi atento, e de que falei, foi en-chendo con lapiz e coltando d'un pequeno blok varias cédulas, que eu fun recollendo: unha recomendación pr'a *Lehrerhausverein* (unha asociación de escolantes), VIII, Josep hgasse, 12, II Stock, pra que me deran unha cámara barata, por unha semán; outra co-as señas de duas cocifias baratas: *Wöck-Kuche*, I, Herrengasse, e *Mittela*, Hofburg e Kohlmarkt; outra aconsellándome visitar o *Niederösterreichisches Landesmuseum*, Herrengasse; outra co-as señas do *Volkskunde Museum*, VIII Laudongrsse, 15/19; e outra co enderezo telefónico do Prof. Hofrat Haberlandt, A. 26 - 6 - 60. Entón, vendo que

non había mais, despediume. Díxome que sempre que o precisara que fora a velo.

ACHTEN SIE AUF IHRE GARDEROBE

Ainda pillei a misa de doce na Stephen Kirche, dita n-un luxoso altar barroco d'unha das calunas, co Santísimo exposto, por un crego vello que despois da misa, reservou e deu comuñón.

Diante d'un cadro da Virxe co Neno, pintado e coas croas en releve, que hai n-un pilar do transepto, había un candieiro de ferro con moitas veliñas acesas: as dos difuntos.

Dín unha volta por afora, arredor da eirexa, vendo as maravillas d'ornamentación ajival, as estautas, Ecce Homos, relevos da Paixón, do Rosario, etc., e as lápidas e escudos d'armas procedentes do antigo campo-santo e postas nas paredes do domo. Un Ecce Homo de tráxica eispresión, tiña froles frescas postas ao pé, usanza d'eiquí e tamén de Praga.

Por fin fun probar un dos restaurants que me dixera o Sr. Fadrus. O do Kohlmarkt

nono atopei, mais na Herrengasse, vin afeitivamente, despois de moito buscar, un letreiro sainte co-a figura d'un mozo levando un prato recortada en modernista, e debaixo a inscrición *Wöck Küche*. Aos lados da portiña baixa, había a lista dos menús de 2, de 1,74, de 1,30 shilling. Señores e señoras paraban diante, lian, e marchaban. Eu entrei.

Había que baixar seis ou sete escaleiras, pra s'atopar un n-un portal pequeno con luz eléctrica. No fondo había un mostrador onde vairoos individuos servíanse a si mesmos; á dereita unha cabina con ventanillas onde cumpría pagar adiantado o cuberto qu'un quixera. Aquelo já me non gustou moito. Ben sei que isto é corrente na Europa central, mais o certo é que eu coñecía somentes d'ouviolo, e qu'endejamais figurera d'elo usanza. Ademais cheiraba a cocíña económica qu'atufaba e botaba pra trás, mais aínda que no restaurant da Biblioteca de Berlín. Non embargante, había que probar. Conque, achegueime ao ventanillo, qu'era com'a taquilla d'unha caseta de feira, e o home qu'ali había preguntoume que menú quería. Eu dixen que de 1,74, con carne (pois tamén o había sen ela), paguei e deume unha cédula bermella.

Entrei no comedor, que non era ruín: relativamente craro, limpo, con columnas de ferro, servido por mulleres con sabelo branco e cofia, boas mesas, cadeiras cómodas. A gente que había semellaba boa: clás meia modesta, rapaces que semellaban estudantes, rapazas que semellaban dependentas de comercio, algún señor cheo de distinción, señoras das que tantas se ven pol-a rua... A comida era boa: rica sopa, carne con salsa, guisantes e patacas asadas, pastel de chicolate con boa Sahne. Mais nas paredes había letreiros sospeitosos; n-un d'iles, a Administración aseguraba que non respondería das prendas que faltasen; n-outro ameazábase c'unha multa de 300 schilling a quen roubara unha prenda. No meio da sala, alcendíase e apagábase un letreiro de ferro e cristal pendurado d'unhas cadeas, que dicía:

Achten Sie auf ihre Garderobe! = Vigie Vde. o seu gardarroupal

Ben. Coma digo enantes, eu já tiña ouvido

falar d'iste choyo, dixéranme qu'eran frecuentes istes avisos en moitos establecimentos públicos da Europa central, qu'isto non quería dicir nada nen daba nada que temer... Mais ao fin e ao cabo, eu son peisano, e dos mais badocos. Pol-o si pol-o non, pousei o chapeu nas travesas inferiores da miña cadeira, e senteime riba do meu cartafol.

Ademais: pago adiantado, cheiro a cocíña económica, posibeles roubos de prendos, feriron unha miga a miña susceptibilidade de señorito provinciano. Pareceume mal qu'o Sr. Fadrus me mandara a semellante sitio, e preguntábame a min mesmo por quen me tomara aquí señor... Mais, non fora eu quen demandara un sitio barato? O que é, é qu'en Praga fixéranme tan boa vida, qu'agora viña afeito a malos vicios. Mais lembraba que restaurants tan baratos com'aquí, somentes que sen cheiro, sen pago adiantado e sen adevrentenza de roubo de prendas, já as tiña eu atopado ao pasar pol-as ruas de Viena. E determinei de non voltar á *Wöck Küche*, anque si sentín a curiosidade de visitar a pousada d'escolantes.

HOFBURG. A IDEIA IMPERIAL

Estou diante da fachada d'esprenedor neoclásico do Hofburg, antiga residencia dos Habsburgos, encomenzada já pol-o primeiro imperador d'esta casa, Rodolfo I.

Entran os autos pol-a gran porta, e a gente pol-as dos lados. Pásase por debaixo d'unha gran cúpula barroca e cesárea, o páteo do pazo, con moimentos a dous imperadores, o frente d'atrás con estautas e balcón central con croa pechada, e enriba, na cima, a croa de Calromagno, e aos lados, a distancia, duas águas enormes pisando trofeus.

Despois, por galerías, pásase á Heldenplatz. En todas estas galerías, hai cristaleiras de tendas.

A Heldenplatz ten jardís Le Nôtre, todos en verde, sen froes: herba, buxos e arbres en pirámide. Istes jardís solenes e tristesos chegan deica a Burgtor, unha columnata grega c'unha inscrición: *Justitia Regnum...* etc. (non leñ máis).

Despoixas, atravesei o Burgring, con bastante movemento, e atopeime na Praza de Maria Tereixa: jardís Le Nôtre, bancos, o

moimento da imperatriz, sentada n-un trono, co cetro na man, e catro cabaleiros «à Federica» nas esquinas. A un lado e a outro, os Museus, edifícios neoclásicos.

Ben. Senteime n-un banco. Había area coor d'azafrán nos paseos, coma nas imitacións castelás de Verlaine.

Eiquí estaba de novo o Imperio, menos rexo, menos brutal, qu'en Berlín. En lugar de facer matinar en levitós abotoados deica o pescozo e cascós de pica, lembraba máis ben charramangueiros uniformes d'opereta, con moito cordón dourado e gorros de peles con longos penachos. Mais saíndo pol-o colar d'ises uniformes, faces nobres, cortesés e sorrintes... Mais poucas bromas co-estas cousas, que non son brincadeira. «Iles han volver», dixen eu matinando na nobreza prusiana, cando ollaba os moimentos dos Hohenzollers; mais istes outros que até no noso Fisterre, maginamos envoltos en notas de vals, tamén poden volver.

Nunca foi cousa de risa, o Imperio, nin-o sería agora, inda qu'estivera já asegurado que non volvía. Pra canto máis, s'o podemos volver atopar en calquera revolta do tempo. Non misturemol-as cousas, porque eiquí hai dúas: nobreza e Imperio que ata foron, e poden volver ser, termos contraditorios. Así esprican os historiadores o Imperio Romano... Mais ben o Imperio, o Cesarismo, tende a facer pé na democracia, aínda a nivelar todo o qu'está por baixo da persoa do César; o Imperio leva coil moito d'igualitario; en canto cesarismo, érguese dend'unha igualdade. Ao trono dos Césares romanos, chegaron moitos que non eran ninguén, moitos fillos dos seus feitos, e aínda das ventoleiras da soldadesca; ao trono de Byzancio podía chegar calquera; igual ao dos Kalifas; os Bonapartes son un bó eixemplo recente. Nobreza e Imperio non son a mesma cousa.

Mais efectivamente estamos eiquí diante da lembranza d'un Imperio d'esa sorte? Non; nen eiquí, nen en Berlín. O de Berlín foi un imperio militar com'o dos Césares, mais non foi com'o dos Césares. O de Viena foi outra cousa qu'o de Berlín; o de Viena foi a sucesión d'un Imperio feudal. Hai moita difrenza. Pouco importa, pra un e pra outro, a carantofía cesárea, as águas de pedra e de

bronze, e a verba *Kaiser*; pouco importa ise disfraz, máis ou menos antigo de pedantería clásica. Temos en Berlín, un imperio militar, en Viena, un imperio feudal. Cal é a difrenza? Ollai: o militar é de dereito público; o feudal é de dereito privado. A difrenza non pode ser mais fonda. A loita antr'o público e o privado é toda a politeca e toda a historia. Son cousas que, por limitárense a unha á outra, teñen por forza qu'estaren en porfía permanente, tendendo perpétuamente á mútua invasión. Se ben se miraran as cousas, e se vise que non hai outro probrema político, non habíamos perder tanto tempo en discutirmos cousas nas que non nos vai nen nos ven. Quedamos en qu'iste foi un Imperio feudal, cuia grandeza, precisamente, emprincipiou a ir pra baixo cando s'er-gueu a forza militar prusiana, qu'acabou co verdadeiro Imperio dos Habsburgos, pra rematar por erguer outro no seu canto.

Pra millor precisar a difrenza antr'o militar e o feudal —cua esencia é a dita— apri-quemos istes conceitos á nobreza. O nobre feudal encomenzou por ser un *guerreiro*, e converteuse despóis n un *cabaleiro*, perfeizón e remate do seu tipo; de que se fixo *militar*, deixou de ser feudal, pra ser unha sorte de funcionario. A milicia é a burocracia das armas. Namentras o nobre foi guerreiro ou cabaleiro, era un vasalo; de que se fixo militar, foi un súbdito. Ficou suxeito a unha disciplina, convertido cada vez máis en servidor d'unha cousa abstracta e impersoal que se chama o Estado.

Ténsese ocorrido a mín, hai moito tempo que se podía contrapór o militar ao cabaleiro, coma se contrapón a y arma de fogo á lanza e á espada.

O encontro e divergenza dos dous tipos dase no Renacemento, nas guerras d'Italia: Bayard é o último cabaleiro; Fernando de Córdoba é o primeiro militar.

Non é, por iso, qu'o militar perda en nobreza, é qu'a entende d'outro geito. A nobreza militarizada adáutase aos tempos. O valor ético da nobreza adáutada, o valor ético do militar —coma do enxeñeiro, do inventor, etc.— já o deixei indicado ao falar da nobreza prusiana. Coido que é superior ao da nobreza refractaria. Ora, o seu valor

estético é sen ningunha dúbida máis baixo.

Mais matíñemos no Imperio, n iste Imperio. Acabo de ver, ahí atrás, a croa de Calromagno esculpida en pedra. A lembranza de Calromagno —cuia misteriosa relación con Galiza é un dos máis atentadores problemas da nosa historia— conmóveme sempre un pouco. Paréceme que Calromagno ten o mesmo senso universal que Compostela: unha universalidade que s'ennobrece chamándose catolicidade. Non debemos esquecer qu'iste era o Sacro Romano Imperio, un Imperio de tal sorte trocado pol o bautismo, que somentes se pode chamar Romano pensando na Roma papal; un Imperio feudal, en moitos istantes case honorífico, incruindo Reinos, e Repúblicas, e Teocracias, e Ordes militares e monásticas, e Gildas, e Irmandades, e Feudos, e aínda Tribus. Sen dúbida é grandioso; sen dúbida estivo ben, enantes de qu'os Imperadores se sintiran Césares, e qu'a súa pompa barroca afogara ou pretendera afogar tantas cousas.

Boeno: dito eiquí de certo, eu non sinto a sugestión do Imperio. Non me sinto tan pequeno que me pasmen as cousas grandes. Mundial, eu, millor que outros. Mundialismo, cosmopolitismo, ideología de Hotel Metropol coma a de Mr. Romain Rolland, emoción humana coma a de Mr. Horace G. Wells, Paneuropa e os outros Pan, e demáis delirios de grandezas de miolos amolecidos na grande urbe, aborrécenme, danme noxo e repunancia, parécenme d'un cursi ergueito á enésima potencia. Mais se ao fin e ao cabo houbera qu'aturar unha orgaización internacional d'esa caste, ou semellante, eu, millor aturaba o Sacro Imperio.

O Sacro Imperio non-era, pol o menos, un ensoño de filósofos de Hotel Metropol. Anque, por disgracia, se volveira, algo tivera que se contamiñar d'esas parvadas.

No fondo aínda me queda unha idea qu'aínda non poden pôr en craro, na que cecáis estea a chave do problema do Imperio.

FAI QUE CHINQUES E NON CHINQUES ::

Erguinme por fin do banco, chegueime deica a acera dos edifizos da Messe, e collin

pol a Museum Strasse. Isto todo é grandioso; é ben máis fermoso que todo o de Berlín, ten algo de París, anque máis pulcro e de millor gusto.

Pasei por diante do Volksteater, neoclásico, e despóis pol-a Auersperg Str. já menos grandiosa. Na segunda esquina, á esquerda, a Josefgasse. Estreita ao principio, despóis máis ancha, desigual, con escaleiras, aceiras unhas máis outas que outras, tenduchas, a redacción d'un jornal, ninguén, somentes un garda paseando.

Cheguei á casa indicada. Unha chea de letreiros todos d'asociacións e cousas do Magisterio. Sorte de Pazo ou quartel geral dos metrolos. Boa casa, relativamente antiga, limpa, ben disposta, outa de teitos, boa escaleira, unha Wök-Küche no baixo... Rubín e andiven d'un lado pra outro lendo letreiros. Perdido antre tanto *Bund Band, Verband e Verein*, chamei en dous sitios. N-un saleu un señor con tipo d'oficiñista, de gafas, homildiño, que leeu a cédula e mandoume pra un lado. Fun ao segundo e abriu un señor mozo, outo e groso, moi apersoado, escolante segurísimo, leeu a cédula e mandoume pra outro lado.

Todo moi limpo e ordeado, mais aque'lo tíñame un ar pouco simpático, frío, coleitivista e pedagógico. A pedagogía, boa ou ruín —e n-istes países é da boa— non se poçe ceibar en ningures d'un tono empacquetado e pedante.

No lugar verdadeiro estaba pechado; leín un papel espetado na porta onde dicía qu'estaba aberto das dez ás duas horas. Sentínme feliz de qu'estivera pechado, de verme libre da obriga de pedir alí unha cámara... Así e todo —hai que ver o qu-un é— se cadra por levar a concencia tranquiá de ter feito o qu'estivera na miña man pra precurar sitio n-aquela pensión; e se cadra máis tranquiá de facelo cando non tíña o compromiso de quedarme s'había sitio, c'unha dobrez d'intención e unha perversidade dina de castigo —perversidade contra mín mesmo, a quen quería facer coma qu'iba enganar— aínda tíven o valor de picar de novo no timbre, merecendo que me viñeran abrir, e ao non ouvir resposta, baixei co curazón libre d'un peso.

Voltei pol-o mesmo camiño, e aínda me sentei a botar un pito nos jardins de María Tereixa, no mesmo banco ond'enantes estivera a cismar. Chovera, e o sol que s'estaba deitando douraba as follas dos árbores e dos buxos. Linda hora. Estaba aquilo ben; sentiase un ben alí. O corpo gorentaba o fresco, a luz e o doce ar da serán. A y-alma asombrábase tristeira no isolamento.

Erguinme e botei a andar. Pol-as ruas do centro, cheas d'autos e carros eléctricos, perigosas com'as de París, con mulleres fermosas i elegantes, tendas preciosas e aínda intresantes, con preciosas antiguidades, máis ou menos auténticas, teas modernas cheas de fantasía e aínda ás veces d'arte, confeizós, perfumería que tanto estudei en Berlín, joyas, e principalmente cousas de prata que lembran as de Compostela, todas con estilo e con inventiva, e ourivesarias d'un gusto especial, que semella a un tempo refinado e bárbaro, mistura de calados ou filigrás con esmaltes e pedras incrustadas, cousa d'eiquí e verdadeiramente intresante.

E vou matinando: millor era non ver estas cousas cand'un non ten... Mais eu estou ben resinado a non ter... Istes son pensamentos que veñen da soedade, da desocupación, pesimismo nados de tres días d'isolamento... Débese un conformar co que ten... Compre reagir contra d'isto... Crar'está que diante d'un pasa o qu'un non terá endejamáis, goce que nunca un ha probar, etc... Mais iso non importa, soilo val aquilo qu'un aprecia, somos nós quen lle dá valor ás cousas.. A vida de cada un é unha renuncia constante, pois somentes se pode ter isto con tal de renunciar a todo o outro... E despois de todo, igual dá... Nada importa nada.

Collín o autobús diante da Stephen Kirche, já disposto a non sair da Pensión Karolina. Viña moi triste.

A cea non foi ruín: un picadillo frío con ensalada á mayonesa, coma o outro día, queixo e manteiga con pan centeo e froita.

Despois, traballei e deiteime. Tiña enterrado outro día.

(Continuarse).

OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

ROSALÍA, CURROS
E JUAN RAMON

Un periodista madrileño, violando a morada de silencio do andaluz universal, obtivo de Juan Ramón Jiménez unhas decraracións encol de poesía. Non hai cousa como falar de poesía, escrama gaiosamente o gran poeta; e vai respondendo ás preguntas do seu interlocutor ou ás que interiormente il mesmo se formula. Do dito intrésannos dúas cousas. Unha ista: Juan Ramón Jiménez, na súa mocidade, leu a Rosalía e a Curros, que figuraban na biblioteca de un señor de Moguer, vello republicán. E ademais de leelos exercitouse en traducilos. Algunhas de estas traducións publicáronse n un periódico de Huelva. De sorte que Juan Ramón Jiménez, traductor de Curros e Rosalía. ¡Qué curioso non sería coñecer istas traducións! A outra cousa que nos intresa é a afirmación segundo a cal Rubén Darío sofriu o influxo de Rosalía, que inxustamente esquecida— dos casteláns—, revive no cantor american. Ista decraración é verdadeiramente sensacional. Un non reparou endexamáis en se-

mellante cousa nin nada parello. Habería que probalo. Qué curioso sería ouvir razoar ista tesis do gran poeta andaluz que vencella inopinadamente a nosa grande lírica co grande lirico ultramarino.

R. C. C.

LIBROS

LAMEGO EN EL ARTE PORTUGUÉS, por Carlos de Passos trad. del Marqués de Lozoya) sep. de «Boletín de la Soc. Esp. de Excursiones», 1934.

LAMEGO rebelada e destruída por Trajano, reconquerida dos mouros por Fernando o Magno, logo por D. Enrique de Borgoña, aínda por Afonso Enriques, tivo dúas épocas de esplendor: nos tempos suevo-góticos, erigida en sede episcopal no Concilio de Lugo de 510, e despois nos séculos XIV e XV, en que tivo feira anual visitada pol-os mouros de Granada. Decaeu coas Descubertas e cos Felípes.

Tivo industrias artísticas de carpinteiría, bordados e ferrería. No XVII frabicou mobiliario de arte, con boas obras de talla, torneado, ensambladura, etc., realizando tipos nacionais, despois de pasar pola influencia europea e indiana; e teitos tallados e pintados nos pazos da grandeza da vila. O bordado cultivouse dende o século XVI ao XVIII, producindo magníficas pezas litúrgicas que se conservan.—En ferrería, menciónanse o facistal e as reixas da Sé.

Outras obras d'arte notables de Lamego son o caliz da Sé e os cinco paineis pintados pol o Grão Vasco que se conservou no Museo, salvados da destrución e tamén no mesmo Museo, a millor colección de tapices de Portugal.

Antro os edificios, están a catedral, con torre románica, fachada gótica e o resto Renacemento, e as eirejas de Balseu (sec. VII ou VIII) e de Almacave (sec. XII).

O A. soupo facer en poucas páxs. unha síntese ben boa do valor artístico da vella cidade portuguesa.

O ROMÁNICO NO CONCELHO DE GUIMARÃES, por Luis de Pina, Guimarães, 1928-30.

Son varias separatas da *Revista de Guimarães*, nas que o A. estuda as eirejas de S. Miguel do Castelo, San Cipriano de Taboado, Sta. Eulalia de Pentieiros, San Pedro de Polvoreira e S. Salvador de Pinheiro. Son pequenas eirejas rurais, d'unha nave, con oseo rectangular, con arcos apuntados debidos a reconstrucións, modillós singelos, cruces antefixas. San Miguel do Castelo pasa por ter sido a capela Real no tempo d'Afonso Enriques. Hai no pavimento curiosas lajes tumulares.

SUBSIDIOS PARA A ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE GUIMARÃES, por Luis de Pina, Guimarães, 1929, 1930.

Outras dúas separatas, unha tratando de *Os «Fornos da Ribeira» (S. João da Ponte)* no que estuda o achádego d'un antigo forno, que pra o A. é luso-romano e servía pra cocer tella e tixolos, e que deu nome a un lugar. Ao mesmo tempo noticia o de un dinar d'ouro do tempo do emir Abderrahmán, aparecido por aquiles mesmos lugares.

A outra é sobre unha *Sepultura luso-romana da Lapinha (Devesa Escura)*, achádego casual, estudado pol o A. Sepultura luso-romana d'incineración, que forneceu moitos testos de cerámica, anacos d'un muíño, e algún pequeno oujeto de bronce.

O CRONISTA RUI DE PINA E MESTRE ANTONIO «FÍSICO» DA RENASCENÇA, por Luis de Pina, Coimbra, 1933. (Sep. de «O Instituto»).

REFÉRESE a un tratado en col da provincia de Antre-Douro-e-Miño, escrito pol-o físico vinaranense Mestre Antonio, médico do Rei D. João II, e que foi apostado ao cronista Rui de Pina, por andar junto en varios ms. coas obras d'iste. Ademais da descripción daquela provincia, o traballo de Mestre Antonio contén outros curiosos tratados sobre virtudes de moitas pedras, plantas e animais, fontes, países (como Anuenia e a India do Preste Johan) o Paraíso Terrenal, etc.

O A. dá noticia de diferentes ms. do tratado, escríbe a persoalidade do Mestre Antonio, e asegura que Rui de Pina non se apropiou indebidamente da obra, como indicara Herculano.

PEDRO JULIÃO OU PEDRO HISPANO (PAPA JOÃO XXI), por Luis de Pina, Lisboa, 1932. (Sep. do Arq. Hist. de Portugal).

ESTUDO sobre a persoalidade, especialmente médica, do Papa Johan XXI, do século XIII, coñecido no mundo das letras cos nomes de Pedro Julião, Pedro Hispano, Pedro Lusitano ou Pedro Hispano Portugués. Pedro Julião nasceu en Lisboa, polos anos 1210 a 1220; estudou meicina en Lisboa e Montpellier, foi Deyán de Lisboa, Arcebispo de Braga, Prior de Guimarães, bispo-Cardeal de Frascati e Papa. Parez que profesou a meicina en Siena. Apónselle o *Thesaurum pauperum*, *Comentarios a Isaac liber urinarum*, *De fornatione hominis*, *De oculis* e outros tratados médicos. Como filósofo foi mais ilustre que como médico; as súas *Summulae logicae* foron durante séculos texto de lóxica nas escolas, e o tratado *De Anima* revela un grande psicólogo. O *Thesaurum* contén unha chea de receitas de caraute popular, moitas d'elas aínda en usanza.

«A LA SOMBRA DE MI VIDA» por Pedro Pérez Clotet. Pen Coleccio Madrid, 1935.

FRENTE a unha poesía fofa e verbalista, esta poesía chea de sustancia e de forma. Poesía d'un xeito curuscante e inxel; poesía que deleita, sin morbosidade nin luxos literarios; poesía de volumen, arquitectónica,

d'imaxen vitalista, inda c'un senso órfico da rima e do ritmo. Por riba de todo, poesía maciza, con fondas raíces e xustamente fro-lida. Por iste libro corre isa forza dirámica e creadora que fai o miragre da natureza e o ritmo íntimo das cousas e das formas.

A poesía de Pedro Pérez Clotet non é poesía creacionista, por mais que na ponla da verba verdeza o poema no momento en que o concepto se trasfu de en beleza. Non é tampouco poesía enerxética no senso das imaxes cruzándose n'un vértigo dislocado e amorfo. A poesía de Pérez Clotet ten un senso xustamente dinámico, como unha razón trascendental, lonxe do frío esteticismo.

Para loubar con xusteza a poesía de «A la sombra de mi vida», hai que faguer colleita no seu espréndido eido de imaxes, nas que se atopa unha forma de excelente gravidade; imaxes que a forza de erguer no seu fondo de luz os planos e as aristas, conquieren un ámbito de cántico infabel. Non é poesía conceitista, nin hai nos seus poemas o sono de curvas do barroco. A liña sai do fondo do espírito d'un xeito natural, madura, perfecta; non percisa o pulo do cerebralismo para alar os hourizontes cromáticos das figuras literarias; nin se apoia nos sarmentos do ritmo para chegar a unha beleza precisa e madurada.

Falan d'istas fermosuras as imaxes de «A la sombra de mi vida». Un feixe d'elas falará do libro millor que o meu ledo criticismo: («Te embarcas en el alba como en un río de pájaros». «Ese sol que convierte la nieve en corazón». «Sin lunas, más con dulces palomas de tu voz». «... saltando la muralla de tu carne de piedra». «... el beso se ilumine sin lunas de romance». «... con un perfil de duelo y un acento de adelfa»).

Leendo iste libro o espírito chega a ter unha paisaxe mais bela e mais leda qu'a natureza na madurez do meridiano. Nos ríos, nas árbores, nas pedras, no ceo, na lua, en todol os elementos que inventa o pulo lírico do poeta, vemos unha realidade palpitante. Pedro Pérez Clotet loita por sairse da súa propia soma, por conquistar unha paixaxe na que gozar prenamente da gracia íntima do espírito. Un galego diante d'iste libro falaría de saudade; pero o autor é un poeta andaluz que de tanto ollar o ceo azul esquece a canle das pretas soedades. Loita tremenda a do poeta frente os grandes problemas do espírito humano. Diante do amor, debátese como por arrincar dos seus ollos as somas e da súa alma as mudas voces escondidas...

Os críticos dixerón que eisiste unha grande afinidade entre a poesía galega e a poesía andaluza. Verdade. Ninguén como nós comprende a poesía dos homes do sur. Os andaluces sinten a nosa poesía íntimamente.

Lede iste poema e xa veredes como nasce no voso corazón unha arela incontida de traduciñ as verbas:

«Salirse así, en silencio, con pasos como
[plumas,
sin arrastrar ni un leve suspiro de tu alma.
Como el árbol se sale de la tarde...
Sin que el árbol lo sienta ni la tarde lo sufra».

Pedro Pérez Clotet é un dos espíritos mais senlleiros da nova xeneración de poetas andaluces. Traballa decote lanzando follas de literatura, nas que ten azas o rexurdimento da poesía ibérica. Autor de varios libros que o proclaman como escritor de primeira fila. No seu pobo andaluz tece sinxelamente a tea d'unha esgrevia revista: «Isla». Iste é o poeta de «A la sombra de la vida», un dos libros mais interesantes do noso tempo.

A. M.^a C.

PROBLEMAS METODOLÓGICOS DE LA HISTORIOGRAFÍA VALENCIANA, por V. Genovés Amorós, Valencia, 1935.

Discurso de recepción no Centro de Cultura Valenciana. O A. trata os problemas da metodoloxía histórica, asegún o seguinte esquema: I Aspectos e distincións previas. División da metodoloxía, que divide, naturalmente en parte analítica ou investigativa, á que chama *erudición*, e parte sintética, á que chama *valoración*. II Os problemas da erudición na historia de Valencia, 1, as cefeencias instrumentais (cencias auxiliares); 2, os problemas da heurística (especialmente: a) repertorios documentais e bibliográficos, b) fontes manuscritas, c) fontes impresas e bibliografía); 3, os problemas da crítica. III Os problemas da valoración, 1, os criterios apriorísticos na historia de Valencia, a) o territorial ou localista (que atopa defectuoso), b) o nacionalista da Valencia extinta ou o nacionalista pancatalanista ou occitánico (que considera insuficientes), c) o criterio cultural (que é o que preconiza, sempre que se lle dea un senso valenciano); 2, os problemas da exposición historiográfica (preconizando, por razóns de difusión, as formas biográficas e de historia a arte).

LA COMARCA EN L'ORGANITZACIÓ INTERNA DE CATALUNYA, por Francesc Granadell, Barcelona.

O A. presidente da «Lliga Comarcal de Catalunya», á que están aderidas numerosas entidades comarcais, fai n'iste discurso, pronunciado o ano 1934, unha forte alega-

ción a prol do recoñecemento da persoalidade jurídica das *comarcas* catalanas, como base da estrutura vital de Cataluña. A comarca é en Cataluña o que eiquí chamamos n-uns casos, *terra*, e n-outros *bisbarra*. Alí, com'eiquí, estas entidades geográficas conservan a súa vitalidade apesares das artificiais divisións administrativas dispostas polo Estado central, formando verdadeiras rexións naturais que, como se vé por iste discurso arelan o seu recoñecemento como entidades administrativas, económicas, e aínda culturais. Hai tempo que a moderna geografía se ven ocupando, incluso na Hespaña, do estudo das rexións naturais, nas que descobre os centros vitais dos pobos. As rexións catalanas dan ademais un senso político ao asunto exigindo o recoñecemento da súa persoalidade jurídica.

PER UN INDEX D'EScriptors
«SUPER FORIS REGNI VA-
LENTIAE», por Joan Be-
neyto Pérez, Va-
lencia, 1935.

TAMEN discurso d'ingreso no Centro de Cultura Valenciana, no que o A. ofrece unha valiosa aportación bibliográfica en col dos Foros do Reino de Valencia, dividida nas partes seguintes: Edade Meia, juristas e glosadores.—Reseña cronolóxica de escritores «super foris» do século XIII ao XVIII.—Carate das «Notas super Foris».—Deberes da mocidade e corporacións culturais. Sigue a resposta do Sr. Francesc Martínez i Martínez.

REVISTAS

LOGOS, boletín católico mensual, n.º 44 na canonización de Thomas Morus, Pontevedra, xaneiro-marzo 1935

SUMARIO: *Espello de leigos*, Filgueira Valverde. *Thomas Morus*, Otero Pedrayo. *Fortuna da «Utopía» na Hespaña*, Fernández Villamil. *Dos peleríños ingleses que viñan a Compostela*, R. P. Crespo, O. de M. *Noticario da cultura galega*.

BROTÉRIA, Lisboa,
Março 1935.

SUMARIO: Mariano Pinho, *A organización Internacional do Traballo*. J. da Costa Lima, *O Santo Grual*. Luis Chaves, *Etnografía Portuguesa*. Domingos Mauricio, *Os Jesuítas e o ensino das Matemáticas em Portugal*. E. Lombart, *Documentos da Santa Se*. Manuel Murias, *Um inédito de Vieira no Arquivo Histórico Colonial*. Dr. A. Meireles do Souto, *A Assistência Oto-Laringo-*

lógica nas Aulas Infantís; sua necessidade. *Revista de Revistas. Bibliografía. Obras recibidas*.

BROTÉRIA, Lisboa,
Abril, 1935.

SUMARIO: Mariano Pinho, *Uma data que importa recordar*. J. da Costa Lima, *Aristocracia plástica*. Luis Gonzaga de Azevedo, *Despois das Cortes de Coimbra de 1261*. Dr. José Leite de Vasconcelos, *A má dos deuses*. Luis Chaves, *Etnografía Portuguesa*. Armando de Mattos, *A propósito do meio-tornés de D. Fernando I*. Antonio Leite, *Tomismo e Aristotelismo*. Serafim Leite, *Bartolomeu de Gusmão, o Padre Voador*. Antonio Hilckmann, *Espíritos que buscan a Cristo*. *Revista de Revistas. Bibliografía. Obras recibidas*.

TUDE, revista editada por los estu-
diantes de Bachillerato del Insti-
tuto de Tuy, Abril 1935

SUMARIO: *Nuestra Revista*, J. Ferro Couse-
lo. *El sueño de los alquimistas realiza-
do?* Mercedes da Vila Bela, Alberto González Varela. *El formalismo en la Escoldística*, J. F. Camino de Santiago. Emilio Blazquez. *El niño quiso ser mar*, Amalia Novás; Manuel Rodríguez Ucha. *Lembranza. Don Manuel Lago González. Memorandum*. Grabados: *Portada*, Pedro Díaz Alvarez. *David*, (Pórtico de la Gloria de Santiago); Alvaro Alvarez Blazquez.

Revista de rapaces intresante pol-as dis-
posicións e o entusiasmo que revela, e que
saudamos coa meirande simpatía, desexán-
dolles persistan na laboura.

REVISTA DE ESPIRITISMO
Lisboa, Julho-Agosto 1934

SUMARIO: *Metapsiquistas e Espiritistas*,
Faure da Rosa. *Factos supranormais*.
A sombra do Espiritismo, A. C. de Moura.
*5.º Congresso Trienal da Federação Espiri-
tista Internacional. O caso «Fernando de
Lacerda»*, Sousa Couto. *Pelo mundo da Me-
tapsíquica*, Faure da Rosa. *Crónica Estran-
geira*, Isidoro Duarte Santos. *Noticario*.

Setembro-Outubro 1934

SUMARIO: *A necessidade da utilização da
psicoterapia*, Pedro Cardia. *Porque acre-
dito na sobrevivência*, Oliver Lodge. *Firmi-
no da Assunção Teixeira*. *5.º Congresso
Espirita Internacional. Fernando de Lacer-
da*, A. C. de Moura. *Factos Supranormais*.

O caso «Fernando de Lacerda», Sousa Couto. *Cronica Estrangeira*, Isidoro Duarte Santos. *Bibliografia*, F. R. *Noticiario*. *Subscrições*.

Novembro-Dezembro 1934

SUMARIO: *A Missão social do Espiritismo. Conclusões do V Congresso Espirita Internacional*, Prof. Asmara. *As tres verdades*, M. Collins. *Revista das Revistas. O caso «Fernando de Lacerda»*, Sousa Couto. *Pelo mundo da Metapsiquica*, Faure da Rosa. *A vida e a materia*, Carlos Nordmann. *Dr. Gonçálves Teixeira. Factos Supranormais. Cronica Estrangeira*, Isidoro Duarte Santos. *Bibliografia. Noticiario. Subscrições*.

REVISTA DE CULTURA

Río de Janeiro,
Abril 1935

SUMARIO: *Um balanço oportuno*, João L. Rodrigues. *Hymno das Escolas populares*, Dom Aquino Corrêa. *Mil e um «uns»*, Dr. Agostinho de Campos. *Microcosmo*, Carlos de Laet. *Obispo de Olinda perante a historia*, Antonio Manuel dos Reis. *Rumo a Vega*, Desembarg. José de Mesquita. *Um inédito de Vieira no Arquivo histórico colonial*. Dr. Manuel Múrias. *Nótulas*, P. Antonio F. de Mello. *Bibliographia*.

BOLETIN DE LA SOCIEDAD CASTELLONENSE DE CULTURA, Cuaderno II, 1935.

SUMARIO: *Iniciació a la Historia del Dret Valencià*, Joan Beneito Pérez. *La Rambla de la Viuda*, V. Gimeno Michavila. *En torno a Ausias March*, Angel Sanchez Gosalbo. *Una resposta di Lope al Boccacini*, Antonio Gasparetti. *Origen de algunas voces geográficas*, Carlos Pan. *Cap de Vila*, Enric Soler Godes. *La cacera del mussol*, Vicent Segarra. *Oración*, R. Catalá Lloret. *Notas bibliográficas*.

Id. Cuaderno III

SUMARIO: *Documents relatifs à la vie d'Ausias March. Silencio*. Francisco M. Delgado. *Noves pintures rupestres en el terme d'Ares del Maestro*, Joan Porcar. *Sobre la teoria del color de Guillermo Ostwald*, F. Perez Dolz. *Un libro de cocina del siglo XIV*, J. Osset Merle. *Ausias March, valenciano*, S. Ferrandis Luna. *El verdadero Ausias March etc.*, Emilio Fonet. *Poema*, Enric Soler Godes. *Notas bibliográficas*.

ANALES DEL CENTRO DE CULTURA VALENCIANA, Valencia Enero-Marzo 1935

SUMARIO: José Sanchíz Sivera, *Vida íntima de los valencianos en la época foral*. Miquel Batllón S. J., *Agullent i la seva ermita de San Vicent Ferrer*. Barón de San Petrillo, *La heráldica en Jávea*. F. Carreres i de Calatayud, *Els Casilicis del Pont de la Mar*. *Miscel·lània. Bibliografia*.

SUDETENDEUTSCHE ZEITSCHRIFT FÜR VOLKSKUNDE Prag, 1935, 1. Heft.

SUMARIO: H. E. Müller, *Volkstümliche Regimentnamen i m altösterreichischen Heere*. Herbet Horntrich, *Das südmährische Volkslied*. Josef Maschek, *Veränderungen im Brauchtum eines Sprachgrendorfes*. Otto F. Babler, *Zum Lebenslaufe einer Anekdote. Kleine Mitteilungen*, etc.

JURIDICAS Y SOCIALES

Buenos Aires, Sep.
Oct. 1934

SUMARIO: Dr. Segundo V. Linares Quintana, *El Derecho de Revolución ante los Tribunales argentinos*. Dr. Juan Olis, *Subrogación real*. Enrique Cesar Rayces, *Las Guildas*. N. Thomas, *Mariano Moreno*. Sigfrido A. Radaelli, *La política portuguesa en el Río de la Plata (1806-1809)*. *Legislación Jurisprudencia. Índice de colaboraciones, conferencias*, etc. *Bibliografía. Revista de Revistas. Noticias de la Facultad*.

Id. Nov.-Dic., 1934

SUMARIO: Guillermo Cano, *La unificación impositiva*. Dr. Juan Olis, *Subrogación real*. Carlos Mouchet, *Estafa y defraudación*. N. Thomas, *Mariano Moreno*. Sigfrido E. Radaelli, *La política portuguesa en el Río de la Plata. Legislación, Jurisprudencia, Índice, Bibliografía, Periodismo, Noticias de la Facultad*.

Id. Enero-Febrero 1935.

SUMARIO: Lic. José Luis Requena, *Eugenia compulsoria*. Carlos Mouchet, *Estafa y defraudación*. N. Thomas, *Mariano Moreno*. Pablo Tischkousky, *Stamler. El Derecho Justo. Legislación, Jurisprudencia. Bibliografía, Revista de Revistas, Noticias de la Facultad*.

Imp. NÓS - Rúa do Vilar, 15 - Santiago

Dr. Amancio Caamaño

SANATORIO QUIRÚRXICO

Pontevedra

suscríbese a

Ser

semanario
gallego de
izquierdas

MERQUE VOSTEDE
Plumeiros RAFIUM

DE MÁIS DURA QU'OS DE PLUMA E LIMPAN MILLOR.
VÉNDENSE EN TODOL-OS ESTABRECCIMENTOS DO RAMO.

ANDRÉS PERILLE --- OURENSE

Sanatorio Quirúrxico de San Lorenzo
Santiago de Galicia

Dos Profesores

D. Fernando Alsina e D. Antonio M. de la Riva

CIRUXANO

XINECÓLOGO

FOTOGRAFADO

Si quer qu-os seus fotografados sexan o mais perfecto posibres, convenlle envialos aos

GRAFICO GALAICO

Picavia, 14 · 2.º

LA CORUÑA

Apartado 195

A sua biblioteca non será
unha biblioteca galega,
mentras non adquira as
obras editadas por

NÓS

PUBRICACIÓNS GALEGAS E IMPRENTA
SANTIAGO